

Manuel Gago da Câmara, proprietário do Furnas Lake Forest Living

“Não estamos com falta de alojamento na Região tendo em conta aquilo que se perspectiva que vão ser os próximos anos”

Correio dos Açores - Antes da pandemia tinha concretizado um grande investimento no Furnas Lake Forest Living...

Manuel Gago da Câmara (empresário)
Exactamente. Em 2018 e 2019 fizemos aqui alguns investimentos importantes não só no aumento da nossa capacidade em termos de alojamento, como na modernização dos nossos espaços.

Em que dimensão aumentou o empreendimento turístico?

Aumentamos 40%. Passamos a ter 14 apartamentos turísticos com o aumento de mais quatro. Mas, para além deste investimento feito em 2018, também em 2019 fizemos um investimento substancial no nosso restaurante e em toda a nossa infra-estrutura de apoio ao alojamento que, para a nossa dimensão, foi um investimento muito significativo. E estávamos precisamente a contar com 2020 que se perspectivava um ano muito bom para o turismo, ao nível de 2019, se não melhor para amortizar o financiamento e continuar a crescer.

2020 foi um ano que começou com Janeiro e Fevereiro extraordinariamente bons. No mês de Março tinha os alojamentos praticamente cheios, sobretudo na última quinzena do mês e, entretanto...

...De um momento para o outro tudo se desmorona?

Desmoronou-se tudo e agora estamos aqui literalmente em stand by, enfim, a tentar perceber o que é que o futuro nos vai trazer, tentar antecipar algumas medidas que possamos tomar de adaptação a uma nova normalidade que eu, pelo menos, ainda não fui capaz de perceber qual. Mas estou optimista e, sobretudo, com vontade de continuar mas, obviamente, apreensivo...

A tendência é para os turistas estarem em espaços como o Furnas Lake em apartamentos isolados para famílias. Tem tido algumas reservas a este nível?

Estamos situados naquilo que poderá ser o futuro do alojamento, pelo menos, enquanto subsistirem os receios e as dúvidas em relação à doença propriamente dita. De facto, os apartamentos são unidades individuais, em que as pessoas de uma unidade não estão em contacto com as pessoas das outras unidades de alojamento. Há aqui zonas comuns que, na sua grande maioria, são zonas ao ar livre. Portanto, nesse aspecto, penso que podemos estar bem situados para um futuro que, eu pelo menos, não sou capaz de perceber bem o que vai ser. Mas, claramente que uma unidade deste género terá algumas características que permitirá olhar o futuro com algum optimismo, com alguma esperança.

Nós, neste momento, não temos reservas para 2021. Vamos tendo reservas quase que de um dia para o outro. Mas para 2021, hoje não temos uma única. Pode ser que esta situação se possa alterar em função das soluções



Manuel Gago da Câmara: “Entendo que este momento é de parar para pensar...”

que se encontrarem para combater o vírus.

Como é que se sai de uma situação em que se tem o alojamento praticamente cheio, durante o Verão, para uma situação em que não há reservas?

Do ponto de vista psicológico é preciso ter um estofo especial para não desesperar. Eu nunca desesperei em situação alguma da minha vida e não é agora que vou desesperar até porque acredito que o turismo não vai acabar e, neste pressuposto, acredito piamente que esta nossa unidade terá condições para poder acolher os turistas que, a partir de 2021/22, queiram e possam viajar.

Do ponto de vista financeiro e económico a situação é substancialmente mais dramática, mais séria, mais grave mesmo porque, por mais poupanças que tenham sido acumuladas ao longo dos anos, por mais bem gerido que estivesse a ser o empreendimento turístico, tudo tem um fim e as poupanças esgotam-se e não acredito também que os Governos e nomeadamente o Nacional, tenha condições para manter ad eterno a situação de apoios para manter os custos de uma estrutura destas, em termos de ordenados e responsabilidades bancárias.

A minha apreensão está justamente directamente ligada ao fim, que eu espero que seja quanto mais tarde melhor, das moratórias aos financiamentos e as medidas de apoio ao emprego.

Não acredito que, por mais que consigamos recuperar em 2021 (e eu espero bem que já seja um ano de franca recuperação), consigamos estar ao nível que estivemos em 2019. A minha esperança é que não regressemos a números anteriores a Maio de 2015 que foi quando começaram a chegar, na al-

“Do ponto de vista financeiro e económico a situação é substancialmente mais dramática, mais séria, mais grave mesmo porque, por mais poupanças que tenham sido acumuladas ao longo dos anos, tudo tem um fim e as poupanças esgotam-se e não acredito também que os Governos tenham condições para manter ad eterno a a situação de apoios...”

tura, a Rynair e a EasyJet com uma baixa de preços nos transportes aéreos que a própria SATA acompanhou, fizesse com que o turismo disparasse.

Se em 2021 estivemos em números semelhantes àqueles que tivemos em 2015 e em 2016 já não será nada mais. Já se for para estarmos com números anteriores a estas datas, perspectivoo um 2021 com enormíssimas dificuldades.

A Câmara do Comércio e Indústria dos Açores tem afirmado que os apoios governamentais para os empresários contorna-

“Havendo grandes apoios do governo, e não havendo turistas para alimentar as empresas turísticas, estaremos totalmente nas mão do Estado, o que me parece que é péssimo. Não há economia que resista a isso...”

rem a crise motivada pela pandemia não têm sido suficientes...

Não fugimos à regra. Viemos de dois anos de grandes investimentos, à nossa dimensão como é evidente. Tudo levava a crer que estávamos a números estáveis de crescimento do turismo e de volume de negócios. Estávamos muito tranquilos. Agora, neste momento, não estamos tranquilos.

Se me pergunta se os apoios são suficientes, eu concordo com a Câmara do Comércio e Indústria quando diz que não são. Mas, também, compreendo que não haverá disponibilidade financeira real e concreta, da parte do governo, de apoiar tudo nas empresas.

Espero que sejam encontradas outras medidas para aguentar as empresas. E espero, sobretudo, que para além das medidas de apoio directo às empresas, haja um investimento muito grande na recuperação dos nossos mercados tradicionais, nomeadamente, o mercado americano que estava a ser, pelo menos no nosso caso do Furnas Lake, o principal turista.

A par de outras medidas que possam ser tomadas de apoio às empresas, (e não acredito que não se tomem outras medidas), espero que haja um esforço equivalente no retomar das relações com os mercados turísticos tradicionais da Região. É que, havendo grandes apoios do governo, e não havendo turistas para alimentar as empresas turísticas, estaremos totalmente nas mão do Estado, o que me parece que é péssimo. Não há economia que resista a isso.

Perspectiva-se a vinda para os Açores de alguns milhões de euros para fazer face aos impactos negativos da pandemia na economia açoriana. Em sua opinião, para que sectores se devem dirigir estes apoios?

Em minha opinião, todo o sector primário deveria ter apoio, sobretudo, na sua melhoria e reconversão em algumas áreas.

No caso do turismo, é importantíssimo que o que forem os próximos fundos comunitários sejam para melhorar substancialmente as unidades e adaptar as unidades que já existem à nova realidade que irá ser a procura a